



TÍTULO ORIGINAL

Feminist Theory: From Margin to Center

AUTORA

bell hooks

TRADUÇÃO

Helena Silveira

REVISÃO

Nuno Quintas

CONCEPÇÃO GRÁFICA

Rui Silva

DESENHOS

Pedro Nora

PAGINAÇÃO

Rita Lynce

IMPRESSÃO

Guide – Artes Gráficas

COPYRIGHT

© 2020 Orfeu Negro

© 2015 Gloria Watkins

**Todos os direitos reservados. Tradução a partir da língua inglesa,
publicada por acordo com Routledge, afiliada da Taylor & Francis Group LLC.**

2.ª EDIÇÃO

Lisboa, Junho 2022

[1.ª ed. Julho 2020]

DL 500994/22

ISBN 978-989-9071-42-1

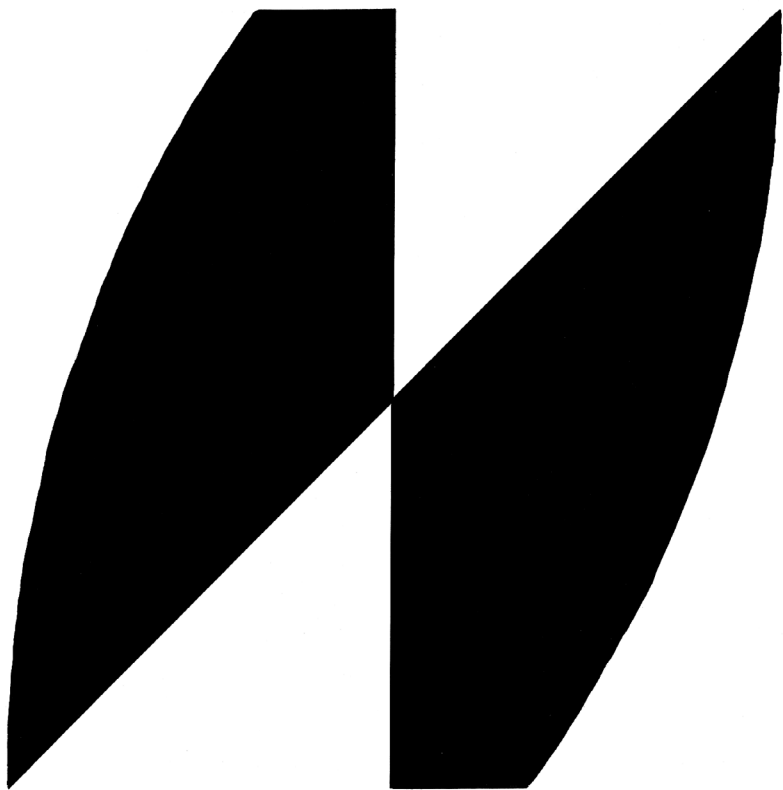
ORFEU NEGRO

Rua Silva Carvalho, n.º 152 – 2.º

1250-257 Lisboa | Portugal

www.orfeunegro.org

*Para nós, irmãs – Angela, Gwenda,
Valeria, Theresa, Sarah
Por tudo o que partilhámos
Por tudo o que passámos juntas
Pela contínua proximidade*



NOTA À EDIÇÃO

Esta obra foi publicada pela primeira vez em 1984 pela editora South End Press. A tradução que aqui se apresenta segue a edição de 2015 publicada pela Routledge, acompanhada dos prefácios da 1.^a edição mencionada, bem como da 2.^a edição (2000). Tendo em conta que a autora pretende aproximar-se de todas as leitoras e leitores, independentemente da sua formação, a tradução procura preservar o estilo muito fluente, por vezes marcadamente coloquial, do original.

PREFÁCIO (2000)

VER A LUZ: FEMINISMO VISIONÁRIO

O movimento feminista continua a ser uma das lutas mais poderosas pela justiça social ainda a decorrer no mundo de hoje. Acabei a primeira versão do meu primeiro livro feminista, *Não Serei Eu Mulher? As Mulheres Negras e o Feminismo*, quando tinha dezanove anos. Foi publicado quase dez anos depois. Nesses dez anos, envolvi-me cada vez mais na criação de uma teoria feminista. Muitas vezes, quando as pessoas falam do movimento feminista contemporâneo ou escrevem sobre ele, dão a sensação de que há um conjunto de princípios e de crenças que serviam de base desde o início. Na verdade, quando a revolução feminista começou, no final da década de 1960, manifestou-se em diferentes contextos, entre mulheres que muitas vezes não tinham qualquer conhecimento da existência umas das outras. Não havia uma plataforma clara.

Enquanto Betty Friedan escrevia sobre «o problema sem nome», abordando como a discriminação sexista afecta as mulheres brancas com educação superior e com privilégio de classe, Septima Clark, Ella Baker, Fannie Lou Hamer e Anne Moody, juntamente com mulheres negras por todo o país, enfrentavam o sexismo no seio do movimento pelos direitos civis negros. Apropriando-se da terminologia da emancipação dos negros, as mulheres brancas apelidaram de emancipação das mulheres a sua resistência ao sexismo.

Não sabemos quem utilizou «primeiro» o termo «emancipação das mulheres». Não importa. No fundo, o que sabemos ao traçarmos a história do movimento feminista contemporâneo é que, por todo o lado, as mulheres se revoltavam contra o sexismo. Quando essas mulheres começaram a encontrar-se e a falar umas com as outras, esta revolta colectiva começou a ser conhecida como «emancipação das mulheres» e, mais tarde, evoluiria e transformar-se-ia no movimento feminista. A luta feminista acontece sempre que algures alguém, mulher ou homem, resiste ao sexismo, à exploração sexista e à opressão. O movimento feminista acontece quando grupos de pessoas se juntam de forma organizada, com vista a adoptar medidas para a eliminação do patriarcado.

Atingi a consciência feminista no lar patriarcal da minha infância. E instaurei uma revolta feminista ao escolher uma educação superior que ia ao arrepio das crenças patriarcais do meu pai e contra o medo que a minha mãe tinha de que o excesso de educação me deixasse «incapaz» de ser uma verdadeira mulher. Aderi ao movimento feminista no meu segundo ano

de faculdade. Por todos os *campi* das faculdades, as jovens envolvidas em políticas radicais (luta pela emancipação dos negros, socialismo, movimento pacifista e direitos ambientais) concentravam a sua atenção no género. Inspirando-se no trabalho de activistas que haviam instaurado o movimento de emancipação das mulheres, criando manifestos e documentos onde manifestavam as suas posições, por toda a parte as jovens estudantes eram encorajadas a analisar o passado, a descobrir e a desvendar as nossas histórias secretas, os nossos legados feministas. Enquanto esse trabalho era feito, ganhava vida outra área do conhecimento centrado na mulher – a teoria feminista.

Ao contrário da cultura feminista, que se centrava na recuperação da história, das heroínas e escritoras esquecidas, ou ao contrário das obras que documentavam, na perspectiva das ciências sociais, a realidade actual da vida das mulheres, a teoria feminista começou por se caracterizar pelo questionamento crítico e pelo reinventar dos papéis de género sexistas atribuídos aos homens e às mulheres. O seu objectivo era projectar um plano revolucionário para o movimento – que, quando concretizado, nos levaria à transformação da cultura patriarcal. Por volta do final da década de 1970, as pensadoras feministas já estavam envolvidas na crítica dialéctica do pensamento feminista que havia surgido do radicalismo do final da década de 1960. Esta crítica criou o ponto de partida para a teoria feminista revisionista.

O pensamento e a prática feministas alteraram-se fundamentalmente quando as radicais de cor e as aliadas brancas começaram a contestar de forma rigorosa a ideia de que o «género»

era o factor principal na determinação do destino das mulheres. Ainda me recordo de todas terem ficado indignadas, no primeiro seminário de estudos das mulheres que frequentei – turma na qual todas, excepto eu, eram mulheres brancas de origens maioritariamente privilegiadas –, quando interrompi um debate sobre as origens da dominação em que se defendia que, no momento em que uma criança sai do útero, o factor considerado mais importante é o género. Declarei que, quando o filho de dois progenitores negros sai do útero, o factor que é considerado primeiro é a cor da pele, e só depois o género, pois a raça e o género determinarão o destino dessa criança. Observar a interligação de género, raça e classe foi a perspectiva que mudou a orientação do pensamento feminista.

Logo no início do movimento feminista, apercebemo-nos de que era mais fácil aceitar a realidade de que, combinados, o género, a raça e a classe determinavam o destino das mulheres e que era muito mais difícil perceber como este facto deveria moldar e inspirar a prática feminista concreta. Embora as feministas falassem muitas vezes da necessidade de construir um movimento feminista fundado nas massas, não havia uma base sólida na qual se pudesse estruturar este movimento. O movimento pela emancipação da mulher foi estruturado numa plataforma limitada, mas também chamou a atenção principalmente para questões relevantes sobretudo para as mulheres (na sua maioria brancas) com privilégio de classe. Precisávamos de um pensamento e de uma estratégia que estabelecessem a teoria para um movimento fundado nas massas, uma teoria que analisasse a nossa cultura de um ponto de vista

feminista, enraizado num entendimento do género, da raça e da classe. Escrevi o livro *Teoria Feminista – Da Margem ao Centro* em resposta a esta necessidade.

Actualmente, tornou-se tão banal para quem trabalha no feminismo invocar o género, a raça e a classe que muitas vezes nos esquecemos de que a maioria das pensadoras feministas, muitas das quais brancas e de classes privilegiadas, começaram por se mostrar hostis na adopção desta perspectiva. As pensadoras feministas radicais/revolucionárias que queriam falar do género numa perspectiva raça-sexo-classe eram acusadas de serem traidoras, de destruírem o movimento, de deslocarem o centro do debate. O nosso trabalho era amiúde ignorado ou criticado sem piedade, considerado não académico ou demasiado polémico. Nessa altura, as mulheres negras/mulheres de cor eram muitas vezes encorajadas pelas companheiras brancas a falar da raça, ignorando, no entanto, as nossas opiniões sobre todos os outros aspectos do movimento feminista. Contestámos esta desvalorização das nossas perspectivas, partilhando o nosso compromisso de criação de uma teoria feminista que abordasse um maior número de preocupações feministas. Este compromisso é o fundamento ético de *Teoria Feminista – Da Margem ao Centro*.

Um dos aspectos mais afirmativos do movimento feminista tem sido a formação de um ambiente intelectual com uma crítica e troca dialéctica contínuas. Ao ouvir as vozes de pensadoras radicais (entre elas, as de mulheres de cor), a expressão da teoria e da prática feminista mudou. Muitas mulheres brancas pouco instruídas abandonaram a negação e começaram

a examinar novamente como, no passado, haviam falado e escrito sobre o gênero. Não houve, na nossa sociedade, nenhum outro movimento pela justiça social tão crítico de si como o movimento feminista. A vontade das feministas de mudar o rumo quando era necessário foi uma fonte importante de força e de vitalidade para a luta feminista. Esta crítica interna é essencial para qualquer transformação política. Tal como as nossas vidas não são fixas ou estáticas, mas estão em constante mudança, a nossa teoria tem de permanecer flexível, aberta e receptiva a novas informações.

Após a sua publicação, o livro *Teoria Feminista – Da Margem ao Centro* foi acolhido e elogiado pelas pensadoras e pensadores feministas que desejavam uma nova visão. Ainda assim, algumas leitoras e leitores acharam que a teoria apresentada era «provocadora», «desestabilizadora». As críticas e os críticos usam expressões como «dissecação impiedosa» para descrever o livro. Nessa altura, as feministas convencionais limitaram-se a ignorar esta obra e qualquer outra teoria feminista considerada «demasiado crítica» ou «demasiado radical». Na qualidade de obra visionária, *Teoria Feminista – Da Margem ao Centro* foi apresentada a um mundo feminista que ainda não estava preparado para a receber. Lentamente, à medida que mais pensadoras feministas (sobretudo brancas) aceitaram olhar para o gênero partindo de uma perspectiva de raça, de sexo e de classe, esta obra começou a receber a atenção que merecia. Agora, ocupa o seu lugar entre outros textos visionários que mudaram o pensamento feminista contemporâneo de forma positiva e construtiva.